

SOBRE O CONTEÚDO FONOLÓGICO DAS RAÍZES: RAÍZES SUPLETIVAS, FONOLOGIAS GENÉRICAS E ERROS DE FALA

ON THE PHONOLOGICAL CONTENT OF ROOTS: SUPPLETIVE ROOTS, GENERIC PHONOLOGY AND SPEECH ERRORS

Indaiá de Santana Bassani¹
Rafael Dias Minussi^{2,3}

RESUMO

Neste artigo, retomamos uma discussão presente no modelo da Morfologia Distribuída (MD) (HALLE e MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997) sobre a natureza das raízes e seu conteúdo na Lista 1. Retomando os argumentos presentes em Harley (2014), continuamos a discussão iniciada em Bassani e Minussi (2015) e Minussi e Bassani (2017) a respeito da individualização das raízes na Lista 1 e a natureza de seu conteúdo fonológico. Para tal, discutimos três fenômenos linguísticos diferentes: a supleção em raízes, a possibilidade de uso de fonologias genéricas e os erros ou lapsos de fala. A discussão aponta que a supleção que se dá em raízes, especialmente em contextos não funcionais, e a presença de raízes com fonologia genérica são indicativos de que a fonologia da raiz não está intrinsecamente ligada a seu conteúdo semântico desde o início da derivação sintática, ou seja, não são definidos na Lista 1. Por sua vez, os erros ou lapsos de fala fonológicos, em especial os que afetam as raízes, indicam também a possibilidade de inserção tardia, corroborando o modelo separacionista total, em que a Inserção de Vocabulário se dá após a categorização (o que se comprova pela manutenção da categoria dos itens alvos). Além disso, os dados de erros de fala fonológicos apontam para uma organização por semelhança fonológica da Lista 2 (o Vocabulário). Desse modo, este artigo defende que as raízes, assim como os núcleos funcionais, estão sujeitas a inserção tardia de vocabulário.

PALAVRAS-CHAVE: raízes; fonologia; Inserção tardia; Morfologia Distribuída.

ABSTRACT

In this paper, we resume a discussion presented in the Distributed Morphology (MD) model (HALLE and MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997) about the nature of roots and their content in List 1. Taking up the arguments presented in Harley (2014), we continue the discussion initiated in Bassani and Minussi (2015) and Minussi and Bassani (2017) regarding the individualization of the roots in List 1 and the nature of their phonological content. In order to do this, we discuss three different linguistic phenomena: root suppletion, the possibility of using generic phonologies and speech errors or lapses. The discussion points out that root suppletion, especially in non-functional contexts, and the presence of roots with generic phonology are indicative that the root phonology is not intrinsically linked to its semantic content since the beginning of the syntactic derivation, in other words, they are not defined in List 1. In turn, phonological speech errors or lapses, especially those affecting the roots, also indicate the possibility of late insertion, corroborating the total separationist model, in which the Vocabulary Insertion occurs after categorization (which is confirmed by the maintenance of the category of target items). In addition, data on

¹ Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo, Professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo. Pesquisadora do Laboratório de Linguagem e Cognição da Unifesp (LabLinC) Guarulhos, SP, Brasil. E-mail: indaiia.bassani@unifesp.br.

² Doutor em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo, Professor adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo. Pesquisador do Laboratório de Linguagem e Cognição da Unifesp (LabLinC) Guarulhos, SP, Brasil. E-mail: rafael.minussi@unifesp.br.

³ Autores listados em ordem alfabética.

phonological speech errors point to an organization by phonological similarity in List 2 (the Vocabulary). Thus, this article argues that roots, as well as functional heads, are subject to late insertion.

KEYWORDS: *roots; morphology; Late Insertion; Distributed Morphology.*

INTRODUÇÃO

Este artigo se insere em um projeto maior, que engloba uma discussão já iniciada em Bassani e Minussi (2015) e Minussi e Bassani (2017) acerca da natureza das raízes no quadro teórico da Morfologia Distribuída (MD) (Cf. HALLE; MARANTZ, 1993 e MARANTZ, 1997). Nesses dois artigos, os autores tomaram como base para discussão a proposta presente no texto de Harley (2014) sobre a individuação das raízes.

Retomando brevemente Harley (2014), a autora discute três hipóteses sobre a individuação das raízes na Lista 1. A primeira hipótese é a de que as raízes possuem algum tipo de informação (semântica ou fonológica) e estão individualizadas na Lista 1, previamente à derivação sintática. A segunda hipótese é a de que as raízes não possuem nenhum tipo de conteúdo na Lista 1 e são, portanto, um tipo de *placeholder* que, ao ser inserido na derivação sintática, será concatenado a núcleos funcionais e será interpretado ao fim da derivação. Autores que defendem essa hipótese, tal como Marantz (1995), argumentam que a sintaxe não deve enxergar elementos ou propriedades que não causem nenhum efeito na formação sintática das palavras ou das sentenças. Assim sendo, não haveria diferença em saber quais as propriedades semânticas e fonológicas da raiz que está sendo derivada para a formação de uma palavra ou de uma sentença. A terceira hipótese, baseada em trabalhos como o de de Belder e Van Craenbroeck (2015), propõe que os nós das raízes são epifenômenos derivados a partir de propriedades especiais da primeira operação de *merge* que ocorre na derivação sintática. Nessa hipótese, as raízes (i) não possuem traços gramaticais, (ii) não possuem categoria sintática, (iii) são definidas estruturalmente, não lexicalmente e (iv) são concatenadas mais abaixo do que o material funcional.

Harley (2014) defenderá que as raízes são individualizadas na computação sintática e podem ser identificadas usando uma notação de índices, como já foi proposto por Pfau (2009) e Acquaviva (2009). Desse modo, para a autora, as raízes podem ser apresentadas como $\sqrt{279}$, $\sqrt{322}$, $\sqrt{2588}$ etc. e a competição de Itens de Vocabulário pode ser definida por esses índices.

Inserido nesse contexto de discussão, o objetivo geral deste artigo é continuar a pesquisa sobre a natureza das informações das raízes que vem sendo desenvolvida por meio dos trabalhos sobre a estrutura de argumentos codificada nas raízes (Bassani e Minussi, 2015), sobre a presença de informação semântica nas raízes (Minussi e Bassani, 2017) ao realizar uma discussão sobre a presença de informação fonológica nas raízes na Lista 1. Como objetivos específicos, a discussão sobre a presença de conteúdo fonológico das raízes a partir dos argumentos trazidos por Harley (2014) se dará pela análise de três fenômenos: a) supleção de raízes, b) raízes com fonologia genérica e c) dados de erros de fala. Não é o intuito deste artigo esgotar tal discussão, mas pretendemos reunir e discutir dados de língua que estão descritos separadamente na literatura e lançar mais luz sobre o tema, ainda bastante carente de explicitação.

O artigo está organizado da seguinte forma: a seção 1 apresenta com mais detalhes o contexto da discussão, a seção 2 explora os dados de raízes supletivas, a seção 3 os dados de fonologia genérica, a seção 4 os erros de fala, a seção 5 discute os dados e apresenta as considerações finais do trabalho, e seguem-se as referências.

1 Contextualizando a discussão

Nesta seção, apresentaremos brevemente o modelo teórico da MD, sua arquitetura e alguns princípios a fim de localizarmos a questão do conteúdo fonológico das raízes. Tal resumo é

necessário porque a discussão sobre a natureza do conteúdo fonológico das raízes está situada dentro de uma discussão maior a respeito da caracterização e individuação das raízes na MD, especialmente enquanto primitivos linguísticos da Lista 1.

A MD é uma teoria não lexicalista, ou seja, não há previsão de um léxico gerador de palavras previamente à derivação sintática na sua proposta de arquitetura da gramática. Diferentemente, assume-se que as palavras são formadas durante a derivação sintática, a partir de primitivos contidos na Lista 1, ou léxico estrito (Cf. MARANTZ, 1997). Assim sendo, não há entradas lexicais formadas antes do início da derivação. A arquitetura da gramática neste modelo é composta por três listas.

A Lista 1, especialmente importante para este trabalho, é composta por raízes acategoriais, ou seja, raízes desprovidas de categorias e que serão categorizadas durante a derivação sintática, formando nomes (n), adjetivos (a) e verbos (v). Há também na Lista 1 traços morfossintáticos (ou morfemas abstratos) como, por exemplo, [\pm plural], [\pm passado], [\pm feminino], [\pm definido], além de categorizadores como *n*, *a* e *v*, considerados morfemas abstratos, os quais serão concatenados às raízes durante a derivação sintática. Os morfemas abstratos e as raízes são manipulados por operações sintáticas, tais como *merge* e *move*, até o momento do *spell-out*.

A Lista 2 é o lugar em que são listados os chamados Itens de Vocabulário (IV), que são regras que unem informação gramatical a conteúdo fonológico. Essa Lista se localiza após *spell-out* sintático, no caminho para PF (do inglês *Phonetic Form*) e é acessada durante a Inserção de Vocabulário, quando o conteúdo fonológico é inserido nos nós terminais abstratos.

Após a organização hierárquica e manipulação dos traços pela sintaxe, no componente morfológico, ocorrem operações morfológicas como, por exemplo, empobrecimento, fusão, fissão e deslocamento local, que fazem alterações de ordem, número, composição de traços e posição hierárquica de nós terminais em alguns contextos, antes que tais traços sejam relacionados a formas fonológicas.

Além dessas duas listas, há ainda a Lista 3, chamada também de Enciclopédia. Nessa Lista, estão contidos o conhecimento extralinguístico, que varia de falante para falante, e as interpretações especiais para as raízes. No esquema abaixo, podemos observar a arquitetura da gramática conforme o modelo da MD.

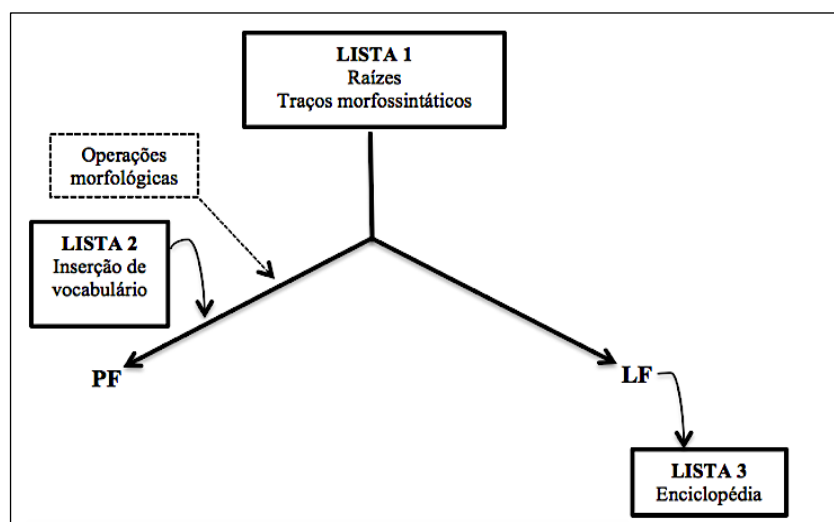


Figura 1 Arquitetura da Gramática na MD (Bassani e Minussi, p.140)

Entre os pressupostos que definem esse modelo teórico, podemos destacar a Inserção Tardia de conteúdo fonológico. Tal ideia diz respeito ao fato de que os morfemas abstratos são desprovidos de conteúdo fonológico e recebem esse conteúdo tardiamente, no caminho para PF. Essa operação caracteriza a MD como uma teoria separacionista, ou seja, forma e conteúdo não são previamente conectados, mas tal ligação se dá durante a derivação das formas linguísticas. A

Inserção Tardia, por sua vez, está submetida a um dos princípios propostos pela DM, o Princípio do Subconjunto. Esse princípio diz que, para haver inserção de conteúdo fonológico, o Item de Vocabulário deve ser um subconjunto dos traços do nó terminal no qual deverá ser inserido e não pode ter nenhum traço conflitante, ou seja, um traço que não conste no feixe de traços do nó terminal (Cf. HALLE; MARANTZ, 1994). Ressalta-se que os Itens de Vocabulário competem entre si para a inserção. Ganha a competição pela inserção o Item de Vocabulário mais especificado.

Enquanto parece haver consenso sobre a inserção tardia de conteúdo fonológico para os morfemas abstratos entre os teóricos da MD, não há uma concordância entre os mesmos teóricos sobre a inserção tardia para raízes. Discute-se se as raízes possuem conteúdo fonológico precoce e, portanto, poderiam ser individualizadas por meio da fonologia na Lista 1, ou se as raízes, assim como os morfemas abstratos, recebem tardiamente sua fonologia. É nessa discordância que se instaura o debate trazido por Harley (2014), e que discutimos neste artigo.

A partir do texto de Harley (2014), podemos compilar algumas questões em torno da natureza das raízes e sua individuação na Lista 1.

- (i) *As raízes podem selecionar argumentos internos?*
- (ii) *As raízes se diferenciam pelo seu conteúdo semântico?*
- (iii) *As raízes possuem conteúdo fonológico?*

A primeira questão foi tratada em Bassani e Minussi (2015), que defenderam a ideia, contra Harley (2014), de que as raízes não selecionam argumentos e que núcleos funcionais podem licenciar argumentos. A segunda questão foi tratada em Minussi e Bassani (2017). Os autores, mais uma vez contra Harley (2014), contestaram os dados do hebraico que foram utilizados pela autora e trouxeram dados de raízes presas (e.g. *-gre(d)-* e *-tra-*), mostrando que é possível encontrar uma semântica comum com base no reconhecimento de estruturas morfológicas complexas. Já a terceira questão é o ponto de discussão do presente artigo.

Como já dissemos anteriormente, Harley (2014) argumenta que as raízes não são individualizadas pela fonologia na Lista 1, isto é, que as raízes não possuem conteúdo fonológico desde a Lista 1. Para a autora, as raízes podem ser individualizadas por meio de índices e passam pela inserção tardia de conteúdo fonológico. Na MD, autores como Embick (2000) e Embick e Halle (2005) defendem por meio de exemplos de verbos e declinações do latim, que as raízes já possuem um conteúdo fonológico desde a Lista 1 e, sendo assim, elas não passariam pela inserção tardia. Outros autores como Siddiqi (2009) e Pfau (2009) defendem que as raízes não possuem conteúdo fonológico e, assim como Harley (2014), trazem exemplos de supleção para argumentar em favor da inserção tardia para as raízes.

No presente artigo, não temos a intenção de encerrar a discussão sobre a fonologia precoce das raízes, mas queremos contribuir para o debate ao reunirmos dados de três fenômenos que sugerem que as raízes também passam por uma inserção tardia de conteúdo fonológico. Assim sendo, nas próximas seções serão tratados: a) dados de supleção em raízes do inglês, português e hiaki, b) um fenômeno típico da fala, em que há a substituição de raízes por uma fonologia genérica ou *default* e c) erros ou lapsos de fala, fenômeno em que, na realização de um enunciado, ocorre a substituição inesperada/não proposital de elementos que podem corresponder a fonemas e/ou morfemas, podendo afetar morfemas funcionais e raízes.

2 Raízes supletivas

Nesta seção, discutiremos os dados de raízes supletivas com base na proposta de Siddiqi (2009) e Harley (2014). Para esses dois autores, há algum tipo de competição de Itens de Vocabulário para as raízes, o que vai contra o que é afirmado, por exemplo, em Harley e Noyer

(1999), para os quais as raízes não são submetidas à competição para inserção tardia de conteúdo fonológico, e Embick (2000), para o qual as raízes já possuem conteúdo fonológico antes de ingressarem na derivação sintática⁴.

Siddiqi (2009) descreve dois tipos de raízes alomórficas. A primeira delas é a **alomorfia supletiva (ou supleção total)**, em que duas formas não podem ser derivadas uma da outra por algum tipo de processo fonológico:

- (1) a. *go/went*
 b. *good/better/best*
 c. *bad/worse*
 d. *person/people* (SIDDIQI, 2009, p. 29)

A esses dados, ainda, podemos acrescentar dados de alternância do português em que também se observa a alomorfia supletiva:

- (2) a. *é/foi/era/são*
 b. *ia/fui/vou*
 c. *ruim/pior*

O segundo tipo de alomorfia é chamado de **alomorfia irregular (ou supleção parcial)**, em que há algum tipo de fonologia compartilhada entre as duas formas. Esse tipo de alomorfia pode ser visto como resquício de fenômenos de alternância historicamente regular que caíram em desuso nas línguas sincronicamente.

- (3) a. *eat/ate*
 b. *mouse/mice*
 c. *receive/reception*
 d. *sleep/slept* (SIDDIQI, 2009, p. 29)

Também neste caso podemos adicionar aos exemplos do inglês, alguns exemplos do português, a fim de mostrar que a alomorfia parece ser um fenômeno bastante difundido entre as línguas.

- (4) a. *fazer/fiz*
 b. *porco/p[ɔ]rcos*

Tendo em perspectiva tais dados supletivos, se considerarmos que a hipótese de que as raízes possuem conteúdo fonológico desde a Lista 1, uma explicação possível para o fenômeno seria realizar uma listagem de raízes fonologicamente diferentes, mas relacionadas, que ocorrem em determinados contextos. Por exemplo, haveria na Lista 1 uma entrada para a raiz $\sqrt{\text{MOUSE}}$, que ocorre no contexto de singular, e uma outra entrada para a raiz $\sqrt{\text{MICE}}$, que ocorre no contexto de plural, como ilustrado abaixo. Essas duas raízes teriam de ser de algum modo relacionadas, seja pelo seu conteúdo semântico ou pela própria organização da Lista 1.

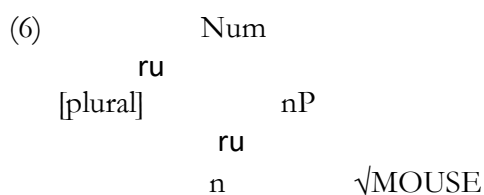
- (5) a. $\sqrt{\text{MOUSE}}$
 b. $\sqrt{\text{MICE}}[\text{p}]$

⁴ Por razões de espaço e enfoque, neste artigo, não faremos uma discussão extensiva sobre os argumentos para a defesa de uma inserção precoce do conteúdo fonológico para as raízes. Dessa forma, remetemos o leitor aos textos de Embick (2000) e Embick e Halle (2005).

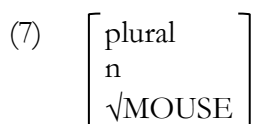
A desvantagem que surge para esse tipo de explicação é o enriquecimento da informação sintática sobre a raiz na Lista 1, pois, além da informação fonológica, acrescenta-se uma informação morfossintática que indica o contexto de inserção da raiz alomorfa.

Alternativamente, a fim de se evitar a superinformação na entrada da raiz, é possível também explicar a alomorfia supletiva da mesma forma que se explica a alomorfia em morfemas funcionais: pela formação de um núcleo complexo.

Tomemos a explicação por formação de núcleo complexo para a supleção de uma raiz como $\sqrt{\text{MOUSE}}$, que passa de *mouse* “rato” para *mice* “ratos” no contexto plural, segundo Siddiqi (2009).



Siddiqi (2009) explica a alomorfia por meio da formação de um núcleo complexo através de movimento. A raiz $\sqrt{\text{MOUSE}}$ se move para o núcleo categorizador *n* e ambos se movem para o núcleo de [plural], criando o nó complexo, tal como representado em (7):



Para o contexto do nó terminal em (7), há diferentes Itens de Vocabulário, descritos em (8), que competem para a inserção.

- (8)
- | | | | |
|--|---|--------|---------|
| a. $\sqrt{\text{MOUSE}}$, [n] | → | /maws/ | ‘mouse’ |
| b. $\sqrt{\text{MOUSE}}$, [n], [plural] | → | /majs/ | ‘mice’ |

Em (8)a., temos o contexto de inserção da raiz $\sqrt{\text{MOUSE}}$, categorizada como *n*, sem marcação de plural, no qual deverá ser inserido o conteúdo fonológico de /maws/. Já em (8)b., temos o contexto em que o núcleo complexo foi formado: a raiz $\sqrt{\text{MOUSE}}$, categorizada como *n*, em contexto de [plural], no qual será inserido o conteúdo fonológico de /majs/.

Esse tipo de análise se baseia no tratamento dado para alomorfia de núcleos funcionais, tais como, por exemplo, as marcas de passado do inglês (-t, -ed, \emptyset). Temos de ter em mente que a MD padrão separa os itens da Lista 1 entre raízes ($\sqrt{\quad}$) por um lado e morfemas abstratos, que são feixes de traços entre os quais se encontram os itens funcionais (\pm plural, \pm passado, \pm definido, \pm feminino etc.), por outro lado. Dessa forma, verbos do tipo de ‘go’, ‘sit’, ‘run’, ‘kill’, ‘put’, que apresentam certo tipo de alomorfia nas raízes, são tratados como itens funcionais. Para embasar a proposta de que tais verbos que sofrem alomorfia são mais parecidos com verbos funcionais, argumenta-se que seu conteúdo semântico é de algum modo esvaziado, e podem funcionar como verbos leves em determinados contextos. (Cf. EMBICK e HALLE, 2005). No entanto, diferentemente, Haugen e Siddiqi (2013) apresentam dados da língua Hopi, uma língua Uto-Asteca do Norte, em que há pelo menos dois tipos de supleção que envolvem raízes: um caso de raízes que envolve nominais (mostrando supleção para plural versus singular e dual) e outro caso envolvendo verbos (mostrando supleção para concordância de número). Apenas para ilustrar a questão, vamos trazer os exemplos de verbos supletivos em Hopi que mostram a variação de

concordância de número (plural, singular e dual) para os sujeitos (intransitivos). Os verbos que são mostrados no Quadro 1 não são verbos considerados verbos leves nas línguas em geral e, ainda assim, apresentam um tipo de supleção⁵.

Glosa	Singular/Dual Sujeito	Plural Sujeito
a. 'arrive'	pitu	öki
b. 'be dancing'	wunima	tiiva
c. 'be eating'	tuumoyta	noonova
d. 'descend'	haawi	haani
e. 'die'	mooki	so'a
f. 'enter'	paki	yungya
g. 'fall'	pòosi	löhö(k-)
h. 'go out'	yama(k-)	nönga(k-)
i. 'run'	wari(k-)	yùutu(k-)
j. 'sit, dwell'	qatu	Yeese
k. 'sleep'	puuwi	Tookya

Quadro 1 Supleção verbal em Hopi para sujeitos intransitivos (HILL and BLACK, 1998, p.866, 877 apud HAUGEN e SIDDIQI, 2013, p.499).

Podemos perceber pelos exemplos do Quadro 1 que a postulação de regras de reajuste fonológico para dar conta das alomorfas nestes verbos seriam insatisfatórias, uma vez que as regras não seriam capazes de explicar as mudanças fonológicas ocorridas nos pares do quadro, conforme discutem Haugen e Siddiqi (2013). Isso se dá porque, na maioria dos casos, os pares são fonologicamente muito distintos. Por exemplo, da forma *pitu*, que expressa o singular/dual sujeito para o verbo *chegar* ('arrive'), não há um modo sistemático de se derivar foneticamente a forma plural *öki*. Os autores ainda chamam a atenção para o fato de que os verbos em que a supleção ocorre não podem ser considerados verbos funcionais, como já dissemos, pois eles são verbos de "conteúdo lexical", uma vez que codificam modo, direção e outras noções específicas tipicamente associadas a itens lexicais, isto é, raízes.

Harley (2014) também assume que a supleção de raízes, nomeada como supleção de itens lexicais, não pode ser considerada uma supleção do mesmo tipo que há nas categorias funcionais. Com base no trabalho de Vasinova (2003), a autora destaca alguns verbos supletivos, tais como *catch*, *hear*, *drink* e *wake up*, entre outros, que não parecem se conformar a um tratamento como núcleos funcionais. Utilizando também a generalização que diz que a supleção ocorre em verbos funcionais de alta frequência, os quais podem ocorrer como verbos leves, Harley (2014) traz dados do hiaki, nos quais fica claro que a supleção de um dado verbo não é sensível ao fato de o verbo ser funcional/leve, pois ocorre também quando o verbo é o principal da sentença. Vejamos os exemplos do verbo correr, que pode se realizar como *vuite* e *tenne*, a depender do contexto, em hiaki.

- (9) a. *Aapo aman vuite-k* (**Vempo aman vuite-k.*)
 3sg there run.sg-prf 3pl there run.sg-prf
 "He ran over there."

⁵ Os autores mostram outros diversos exemplos de concordância que não traremos para a discussão, uma vez que não é objetivo do artigo realizar uma discussão sobre os dados do Hopi. Pretendemos apenas ilustrar um tipo de alomorfia que ocorre em verbos que parecem não poder ser considerados verbos funcionais, ou leves.

- b. *Vempo aman tenne-k* (**Aapo aman tenne-k.*)
 3pl there run.pl-prf 3sg there run.pl-prf
 “They ran over there.”

(HARLEY, 2014, p.236)

Para a autora, trata-se de uma competição dos expoentes fonológicos para uma mesma posição de $\sqrt{\quad}$, como ilustrado abaixo pelos Itens de Vocabulário abaixo:

- (10) a. $\sqrt{\text{RUN}}$ ↔ /tenne/ / [DP_{pl}____]
 b. $\sqrt{\text{RUN}}$ ↔ /vuite/ Elsewhere

A existência de competição para raízes supletivas indica, para a autora, que nós terminais de raízes estão sujeitos à inserção tardia. Na próxima seção, continuamos a discussão acerca da individuação das raízes na Lista 1 e a necessidade de conteúdo fonológico precoce.

3 Fonologias genéricas⁶

Nesta seção, vamos tratar de um fenômeno que ocorre na fala: a ocorrência do item *cois-* no lugar de algum elemento lexical. Essa ocorrência tem como causa uma falha na inserção de um Item de Vocabulário correto no lugar de uma raiz⁷.

Rocha (2008) realiza uma pesquisa sobre a natureza e existência de raízes abstratas, que são raízes sem conteúdo fonológico, mas com algum tipo de conteúdo semântico. Dessa forma, a autora defende que existam Itens de Vocabulário com fonologia *default*, como /*kojz*/, por exemplo, que são especializados para inserção em contextos de $\sqrt{\text{RAIZ}}$. Essas raízes abstratas estão presentes na computação sintática, mas, por uma inserção acidental de vocabulário, recebem um Item de Vocabulário menos especificado no momento da Inserção Tardia de conteúdo fonológico. Dessa forma, a autora defende que esses dados são evidência de Inserção Tardia também para as raízes. Vejamos os exemplos.

- (11) a. João quebrou o *coiso*.
 b. João *coisou* o jarro.
 c. O jarro *coisou*.
 d. O João está muito *coiso* esses dias; não sei explicar direito, mas ele está estranho.

(ROCHA, 2008, p. 27)

Nos exemplos em (11), podemos observar que o item *cois-* pode ser inserido em diferentes contextos categoriais e sintáticos. Em (11)a. ele foi inserido no contexto nominal (*n*), em (11)b. no contexto verbal (*v*) transitivo e em (11)c. em um contexto verbal intransitivo. Por sua vez, em (11)d. o item *cois-* foi inserido em um contexto adjetival (*a*). Podemos observar que em todos os contextos, o item se adequou a todas as propriedades morfossintáticas das categorias recebendo, corretamente, as devidas flexões de tempo, modo, número e pessoa.

Por outro lado, os dados em (12) mostram que o item *cois-* parece ser um item especializado para inserção em contextos de $\sqrt{\text{RAIZ}}$, não podendo ser inserido em contextos de preposições,

⁶ Chamamos de fonologias genéricas certas fonologias que ocorrem devido a lapsos de memória, ou seja, quando o falante não pronuncia a fonologia correspondente de certos itens. Não se trata da inserção de uma semântica genérica, como fica claro na argumentação de Rocha (2008), pois o lugar em que essas fonologias surgem continua mantendo as mesmas restrições sintáticas, por exemplo, dos elementos abstratos ligados a elas.

⁷ Outros itens genéricos também ocorrem em português, como *negácio*, *trem*, *treco*. No entanto, *cois-* parece ocorrer em mais contextos sintáticos.

ainda que tal preposição seja considerada, pela literatura, uma preposição lexical, uma vez que essa preposição parece fazer seleção de argumentos.

- (12) a. Tem um copo sobre a mesa.
b. *Tem um copo coisa a mesa.

(ROCHA, 2008, p.29)

Os dados discutidos em Rocha (2008) sugerem, portanto, em primeiro lugar, que existem raízes desprovidas de conteúdo fonológico na Lista 1. Tal fato se dá porque seria antieconômico pensar que, uma vez que as raízes tenham seu conteúdo fonológico atribuído desde a Lista 1, elas perderiam esse conteúdo durante a derivação sintática e teriam esse conteúdo substituído por um menos especificado. Assim, a autora defende que a inserção de uma fonologia *default*, ou menos especificada, ocorre porque: (i) as raízes passam por uma inserção tardia de conteúdo fonológico no caminho para PF e (ii) há uma falha na inserção da fonologia correta para essas raízes.

Mesmo havendo uma falha de inserção do conteúdo fonológico adequado para algumas raízes, curiosamente, o item *cois-* não ocorre em contextos funcionais, ainda que tais contextos sejam contextos verbais. Esse fato torna-se importante diante da discussão que vimos anteriormente, segundo a qual apenas os verbos ditos “leves” podem sofrer alomorfa total. No caso do item *cois-*, alguns verbos que podem ser considerados verbos leves como, por exemplo, *dar* (e.g. (14)), ou verbos menos lexicais, como o verbo *estar* (e.g. (13)) e até verbos modais como *dever* (e.g. (15)) não sofrem a inserção do item *cois-*.

- (13) a. João *estava* doente
b. *João *coisava* doente.
- (14) a. João *deu* uma saída.
b. *João *coisou* uma saída.
- (15) a. João *deve* trabalhar mais tarde hoje.
b. *João *coisa* trabalhar mais tarde hoje.

Ressaltamos ainda, para encerrar a seção, que, para Rocha (2008), as raízes abstratas são interpretadas de acordo com a sua semântica própria, apesar de desprovidas de fonologia. Isto é, retomando o exemplo em (11)b. (*O João coisou o jarro*), equivalente a (*João quebrou o jarro*), a autora defende que *coisou*, nesta sentença, é interpretado em LF como *quebrou*, uma vez que a raiz que estava presente durante a derivação sintática e que foi enviada para LF é a raiz $\sqrt{\text{QUEBR}}$. É apenas no caminho para PF que a raiz $\sqrt{\text{QUEBR}}$ ⁸ receberá a fonologia de /*køjz*/.

Na próxima seção, discutiremos outro fenômeno que também explora a possibilidade de um determinado conteúdo fonológico aparecer no lugar de outro conteúdo. São os casos chamados de erro ou lapsos de fala.

4 Erros ou lapsos de fala

Os erros ou lapsos de fala são desvios de diversas naturezas na realização de enunciados que o falante pretende proferir: em vez de se dizer “isso” diz-se “aquilo”. É possível encontrar sistematicidade nos tipos de erros que ocorrem: em geral, não são trocas aleatórias do ponto de

⁸ É usual representar a raiz abstrata em letras maiúsculas como forma de indicar que há ali um conteúdo semântico atômico relacionado a uma fonologia, que será inserida tardiamente. Assim, a representação $\sqrt{\text{QUEBR}}$ indica que a raiz não possui ainda fonologia, mas que possui semântica associada aos itens *quebrar*, *quebra*, *quebrado*.

vista linguístico e, em alguns casos, do ponto de vista psicológico. Em linguística, os erros e lapsos de fala são, historicamente, estudados para se tentar mostrar as “realidades” das regras e unidades fonológicas, bem como a relação entre competência linguística e performance (Fromkin, 1971, p. 27). Por isso, a investigação desse tipo de dado nos permite refletir sobre a natureza da representação fonológica subjacente das raízes no modelo da MD.

A literatura descreve diversos tipos de erros e lapsos de fala, interessa-nos discutir dois deles aqui: *lapsos de fala que envolvem morfemas* e *lapsos de fala fonológicos*, seguindo a classificação proposta por Espadaro (2018), que também será fonte da maioria dos dados.

Os lapsos de fala que envolvem morfemas caracterizam-se pela substituição inesperada entre morfemas e raízes e pela manutenção da categoria gramatical do item alvo original. Abaixo, no dado em (16)a., há uma troca entre os sufixos derivacionais *-(t)ivo* e *-mento* das palavras *preparativos* e *casamento* e, no exemplo em (16)b., a troca afeta as raízes dos verbos *achar* e *entrar*.

- (16) a. Prepar**amentos** do cas**ativo** ← Preparativos do casamento
b. **Achei** **entrando** ← Entrei achando

(ESPADARO, 2018, p. 76)

Os lapsos de fala fonológicos são bastante comuns e se caracterizam pela substituição inesperada de material fonológico constituinte de morfemas e raízes, em que a troca parece motivada por semelhança fonológica entre as palavras alvo e erro/lapso, e pela manutenção da categoria gramatical do item alvo original. A semelhança pode se dar tanto em termos segmentais quanto suprasegmentais. Em (17)a, por exemplo, com exceção dos segmentos /p, t/e /b, l/, todos os outros segmentos são idênticos. Em (17)b, há alguns segmentos comuns /a, z, o/ e também o tipo prosódico é bastante semelhante, em termos da posição do acento e da constituição silábica. Esse padrão se repete nos demais exemplos.

- (17) a. Vamos comprar um **belisco**? ← Vamos comprar um **petisco**?
b. Parece pouco caso entrar com uma hora de **acaso** ← Parece pouco caso entrar com uma hora de **atraso**.
c. É urina de **guitarra** ← É urina de **cigarra**
d. Hoje eu **cortei** pras paredes ← Hoje eu **contei** pras paredes

(ILOVITZ, 2001)

- (18) a. Não estou te **almoçando**. ← Não estou te **amaldicoando**.
b. **Viaja** a porta. ← **Vigia** a porta.
c. Os **cachorrinhos** dela. ← Os **cachinhos** dela.
d. Tem praia com **falange**. ← Tem praia com **falésia**.

(ESPADARO, 2018)

Os erros ou lapsos de fala, descritos em Pfau (2009), entre outros, foram observados para explicar em que medida um modelo de gramática, como a MD, poderia explicar a produção de linguagem. São discutidos casos de troca de raízes em sentenças, em que uma raiz toma o padrão vocálico da outra, como ocorre no exemplo do árabe em (19) (PFAU, 2009, p. 44). É importante ressaltar que o árabe, assim como outras línguas semíticas, possui um sistema de formação de palavras baseado em raízes consonantais e padrões vocálicos que, entre outras coisas, atribuem uma categoria (*n, a e v*) às raízes e, portanto, são funcionais. No exemplo em (19), a raiz $\sqrt{\text{KLM}}$ toma o padrão CaCaaC, formando a palavra *kalaam* ‘falar’ e a $\sqrt{\text{Shh}}$ toma o padrão CaCiC, formando a palavra *sahih* ‘correto’. O erro, neste caso, se dá na troca entre as raízes. A raiz $\sqrt{\text{KLM}}$

é trocada e fica com o padrão vocálico CaCiiC, enquanto a raiz \sqrt{Shh} fica com o padrão CaCaaC. Sabemos que se trata de uma troca de raízes e não de padrões, por causa da posição de cada elemento. Os padrões permanecem em suas posições e as raízes mudam de posição na sentença.

- (19) *sahaah-ha* *kaliim*
 (erro)-POSS.3.SG (erro)
 ← *kalaam-ha* *sahiih*
 ← falar-POSS.3.SG correto
 “o que ela disse está correto”

As substituições que ocorrem nos exemplos acima, em especial aquelas que afetam as raízes, podem lançar luz sob a discussão deste artigo: se o material fonológico da raiz pode ser trocado por um material fonológico inesperado, isso pode indicar que as raízes também estão sujeitas à operação de Inserção Tardia do conteúdo fonológico, ou seja, tais dados podem ser uma evidência da falta de conteúdo fonológico nas raízes na Lista 1. A sistemática manutenção da categoria gramatical do item alvo, tanto nos erros ou lapsos fonológicos quanto nos morfológicos, é mais uma evidência em favor da hipótese de que as raízes também recebem material fonológico tardiamente, após *spell-out* sintático.

Na figura 2, representamos o momento em que ocorre a categorização, na sintaxe, e o momento em que ocorre a inserção (incorreta) de material fonológico, na Lista 2. Essa inserção pode afetar núcleos categoriais, como é o caso de *preparamentos do casativo*, em que o material /*mento*/⁹ é inserido em lugar de /*ivo*/ no núcleo *n*, e vice-versa, e pode afetar as raízes, como é o caso de *Achei entrando* em lugar de *Entrei achando*. A categorização se mantém quando ocorre a troca porque está dada neste momento, pois ocorreu na sintaxe e não pode ser alterada após *spell-out*. Já a troca na fonologia se dá posteriormente, no caminho para PF.

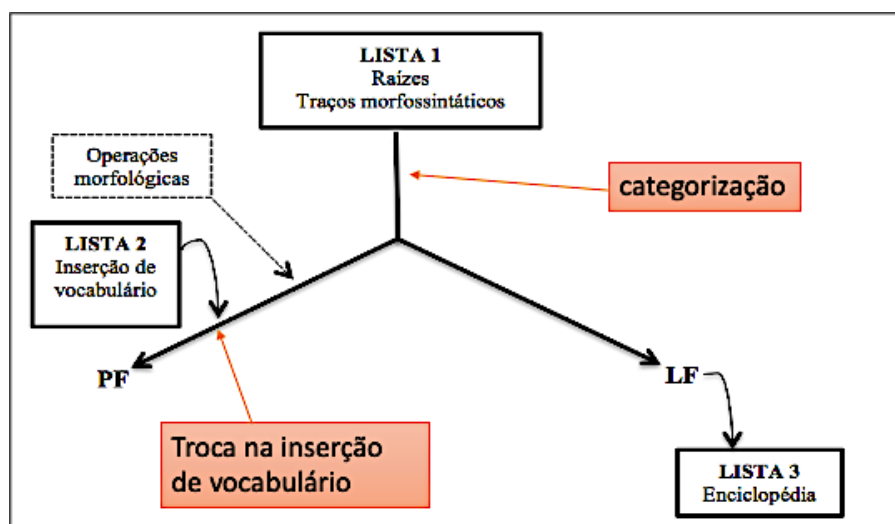


Figura 2. Categorização e troca inserção de vocabulário.

Os lapsos de fala fonológicos também nos fazem pensar sobre a organização dos itens de vocabulário na Lista 2: os itens de vocabulário devem estar organizados de tal modo que permitam que formas fonológicas semelhantes estejam próximas ou ativadas no momento da inserção, pois o que motiva o erro é a semelhança fonológica entre as formas.

⁹ Estamos utilizando aqui a representação fonológica, pois se trata da representação pós inserção de vocabulário e pré aplicação de operações fonológicas que resultarão na forma fonética final.

4.1 Discussão e considerações finais

Este artigo não esgota o debate acerca da natureza do conteúdo fonológico nas raízes, mas pretende colocar em evidência dados empíricos de diferentes fenômenos linguísticos discutidos na literatura que nos fazem pensar sobre a questão e apontam para uma direção: a de que as raízes também podem estar sujeitas a inserção tardia do conteúdo fonológico.

Dentro do arcabouço teórico da MD, surgiram nos últimos anos análises que continuam buscando desvendar a questão da Inserção Tardia de conteúdo fonológico nas raízes. O artigo de ARMELIN, GONÇALVES e MELO (2020), que também faz parte deste número da revista, retoma os argumentos de Embick (2000) em favor da presença de conteúdo fonológico para as raízes e apresenta uma análise alternativa para os verbos depoentes do latim, sem a necessidade de postular que as raízes possuem conteúdo fonológico desde a Lista 1.

No presente artigo, trazemos dados empíricos que se baseiam na supleção de raízes, nos lapsos de fala e na fonologia genérica para discutir a individuação das raízes na Lista 1. Dessa forma, discutimos que a supleção que se dá em raízes, especialmente em contextos não funcionais, como demonstrado pelos dados hiaki, e a presença de raízes com fonologia genérica, como demonstrado pelos dados com fonologia genérica /kojz/, são indicativos de que a fonologia da raiz não está intrinsecamente ligada a seu conteúdo semântico desde o início da derivação sintática, ou seja, não são definidos na Lista 1.

Por sua vez, os erros ou lapsos de fala fonológicos, em especial os que afetam as raízes, indicam também a possibilidade de inserção tardia, corroborando o modelo separacionista total, em que a Inserção de Vocabulário se dá após a categorização (o que se comprova pela manutenção da categoria dos itens alvo). Além disso, os dados de erros de fala fonológicos apontam para uma organização por semelhança fonológica da Lista 2 (o Vocabulário), pois os itens de vocabulário devem estar organizados de modo a permitir que formas fonológicas semelhantes estejam próximas ou ativadas no momento da inserção, dado que o que gatilho o erro é a semelhança fonológica entre as formas.

REFERÊNCIAS

- ACQUAVIVA, P. Roots and Lexicality in Distributed Morphology. In GALANI, A.; REDINGER, D.; YEO, N. (eds.). *York-Essex Morphology Meeting 5*, p.1-21, 2009
- ARMELIN, P. R. G., GONÇALVES, L. A. e MELO, N. D. Inserção tardia para raízes: supleção e depoência. *Revista do GELNE*, (2020).
- BASSANI, I. S.; MINUSSI, R. D. Contra a seleção de argumentos pelas raízes: nominalizações e verbos complexos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, p. 139-173, 2015.
- DE BELDER, M., VAN CRAENENBROECK, J. How to merge a root. *Linguistic Inquiry*, 46:4, pp. 625-655, 2015
- EMBICK, D. Features, syntax, and categories in the Latin Perfect. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass, v. 31, n.2, 185-230, 1 sem. 2000.
- EMBICK, David; HALLE, Moris. On the status of *stems* in morphological theory. In *Romance Languages and Linguistic Theory 2003*, ed. by Twan Geerts, Ivo van Ginneken, and Haike Jacobs. Amsterdam: John Benjamins, p. 59–88, 2005.
- ESPADARO, Mayara. *Os lapsos de fala em português brasileiro sob a perspectiva da Morfologia Distribuída*. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 2018.

- FROMKIN, V. A. The nonanomalous nature of anomalous utterances. *Language*. v.47, pp. 27-52, 1971.
- HALLE, Moris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (eds.). *The View from Building 20*. MIT Press, Cambridge, MA, p. 111-176, 1993.
- HALLE, Moris; MARANTZ, Alec. Some Key Features of Distributed Morphology, Papers on Phonology and Morphology, MITWPL 21. Cambridge, MA: *MIT Working Papers in Linguistics*, p. 275–288, 1994.
- HARLEY, Heidi. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics: An Open Peer Review Journal*, v.40, Issue 3-4, p.225-276, 2014.
- HARLEY, Heidi.; NOYER, Rolf. Distributed Morphology. *GLOT International*, v. 4, n. 4, p. 3-9, 1999.
- HAUGEN, J. D., SIDDIQI, D. Roots and the derivation. *Linguistic Inquiry*, Volume 44, Number 3, Summer 2013. 493–517, 2013.
- ILIOVITZ, E. R. *Uma análise prosódica dos lapsos da língua*. 2001.142 f. (Dissertação de Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2001.
- MARANTZ, A. Cat as a phrasal idiom: Consequences of late insertion in Distributed Morphology. *ms.*, MIT, 1995.
- MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In: DIMITRADIS, A.; SIEGEL, L. SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS (eds.). *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. Working Papers in Linguistics, Philadelphia, p. 201-225, 1997.
- MINUSSI, R. D.; BASSANI, I. S. Em favor do conteúdo semântico das raízes. *Revista Letras*, v. 96, p. 152-173, 2017.
- PFAU, R. *Grammar as process: A Distributed Morphology account of spontaneous speech errors*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.
- ROCHA, S. R. *Ocorrência de “coisar” em língua portuguesa como contribuição para a hipótese das raízes abstratas*. Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, 2008.
- SIDDIQI, Daniel. *Syntax within the Word: economy, allomorphy, and the argument selection in Distributed Morphology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.
- VASELINOVA, L. *Suppletion in verb paradigms: bits and pieces of a puzzle*. Stockholm, Sweden: Stockholm University, 2003.